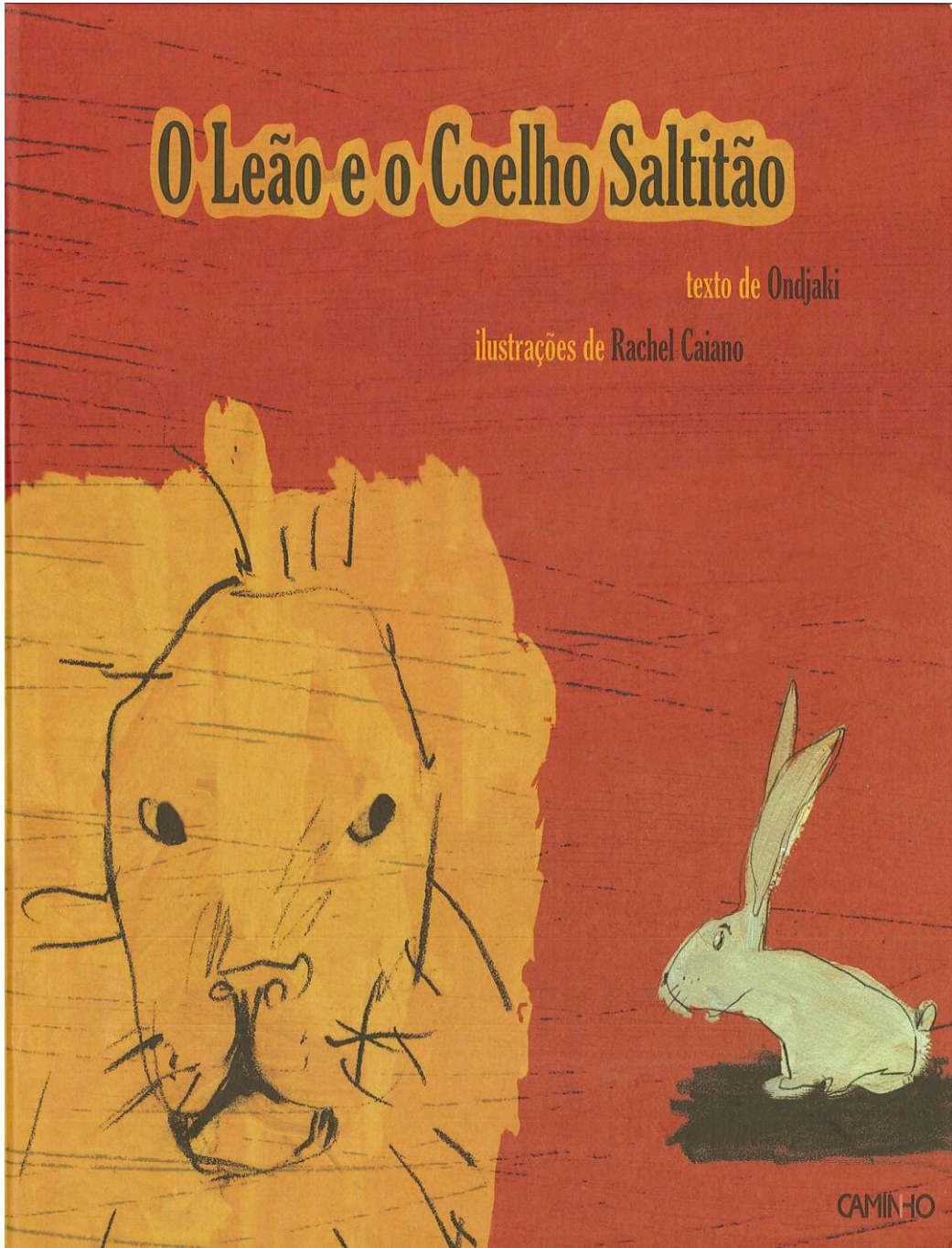
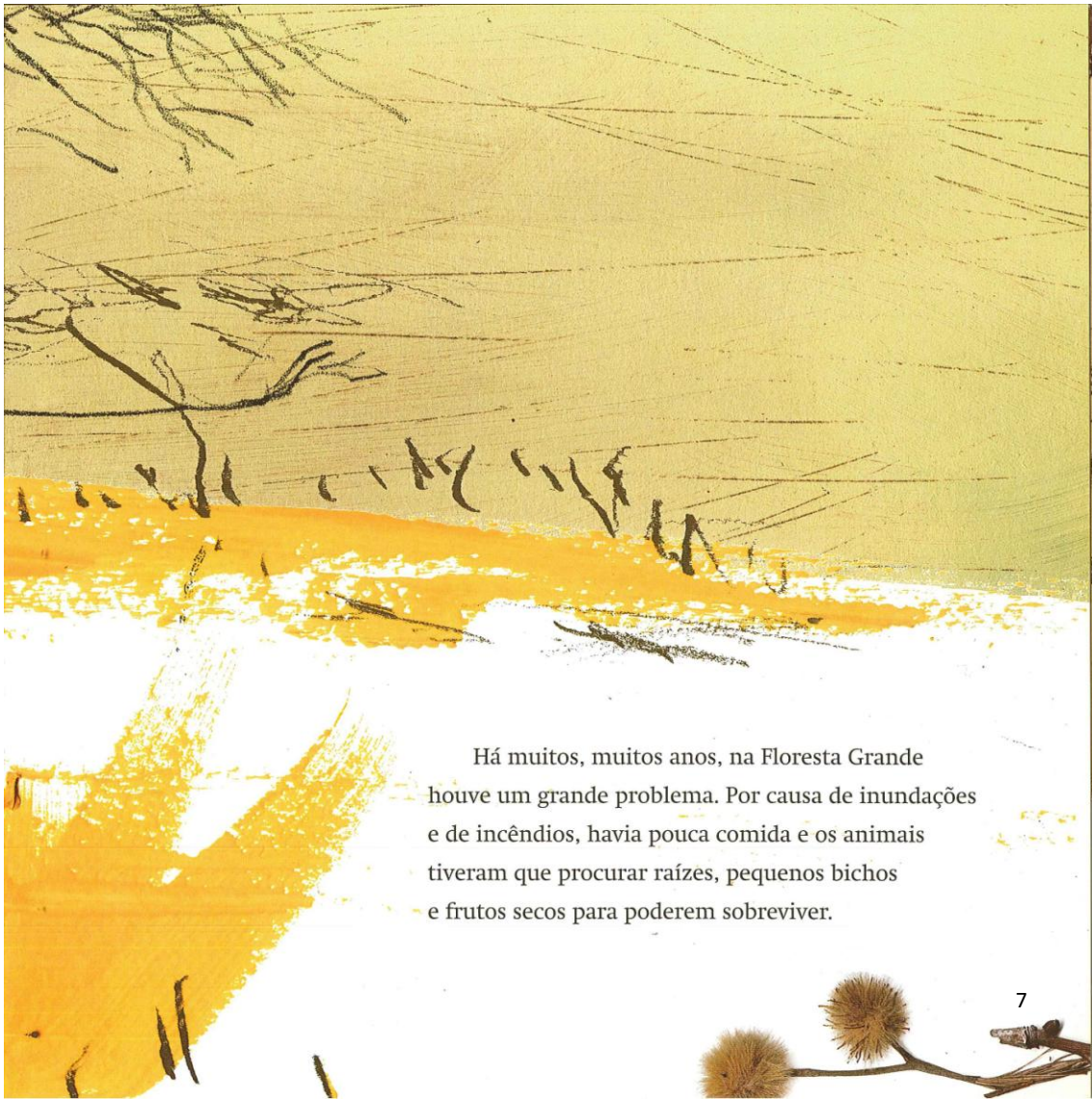


ANEXO II





Há muitos, muitos anos, na Floresta Grande
houve um grande problema. Por causa de inundações
e de incêndios, havia pouca comida e os animais
tiveram que procurar raízes, pequenos bichos
e frutos secos para poderem sobreviver.

Certa tarde, o Leão, rei da Floresta Grande, estava esfomeado e cansado de comer ervas e peixe seco. Chamou o seu amigo Coelho Saltitão para resolver este problema da fome.

- Meu grande amigo Coelho - cumprimentou o Leão.

- Leão, meu velho... Como vai essa saúde?

- A saúde vai mais ou menos... O pior é a fome. Não aguento mais comer raízes e frutos que não sabem a nada. Apetece-me carne, carne fresca e abundante. Entendes?

- Entendo, meu velho - respondia o Coelho Saltitão, sempre mantendo alguma distância do Leão, não fosse o rei querer resolver o problema do seu apetite com carne de coelho amigo.





– Chega-te mais perto de mim – pediu o Leão.

– Não, obrigado, meu velho, estou bem a esta distância. Além disso, hoje faz muito calor, não há necessidade de estarmos muito chegados. Mandaste chamar-me?

– Sim – disse o Leão, enquanto passava a língua pelos lábios, molhando os velhos bigodes. – Pensei que talvez tivesses uma ideia para arranjar alguma carne fresca. Tu és um animal cheio de ideias.

9

O Coelho deu dois saltinhos e afastou-se um pouco mais. Estava pensativo, mexia as patas esgravatando o chão em busca de qualquer bichinho que não apareceu.

– Sim, tenho uma ideia, meu velho.

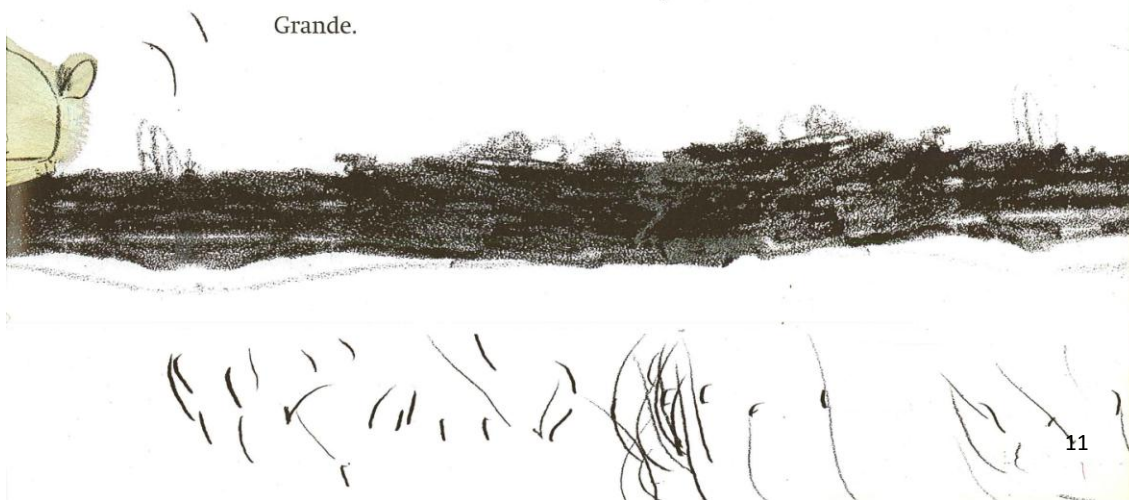
– Tens de chegar mais perto, quase não te escuto – disse o Leão.

– Então eu falo mais alto – respondeu o Coelho Saltitão.

– Mas não grites, pois outros animais poderão ouvir o teu plano.

A sério, podes chegar mais perto que eu não gosto de carne de coelho – garantiu o Leão.

– Nunca digas desta carne não comerei – murmurou o Coelho Saltitão, mas lá deu dois saltinhos, aproximando-se do rei da Floresta Grande.



O Coelho explicou ao Leão que era uma boa ideia prepararem um lugar apertado, com paus altos, como se fosse um pequeno quintal, onde ele, o Coelho, faria o enterro do seu cão. Depois convidariam todos os animais da Floresta Grande para virem ao funeral e...

- Mas tu tens um cão? - interrompeu o Leão, muito espantado.

- Não, claro que não.

- Então como é que o vais enterrar?

- Não entendes, meu velho... O cão és tu - sorriu o Coelho Saltitão.

- Então eu não sou o Leão?! - o rei da Floresta coçou a testa.

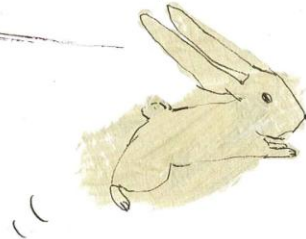
- Deixa-me terminar, meu velho, a ver se entendes o plano. Eu digo que tinha um cão, e que o meu cão morreu de fome. Convido-os para um enterro daqueles que nós fazemos aqui na nossa Floresta, com muita bebida. Tu ficas quieto como se fosses o cão morto. Quando todos estiverem bêbados e adormecerem, finalmente teremos uma bela refeição e ainda vai sobrar carne para muitos meses.

- Mas tu comes carne? - perguntou o Leão.

- Ando um pouco cansado de cenouras - explicou o Coelho.

O Leão gostou da ideia da trapaça, até lhe caía baba da boca e revirava os enormes olhos como se a carne estivesse ali mesmo defronte dele. Talvez por isso, vendo que as garras do Leão estavam de fora, que o pêlo estava todo eriçado e que as orelhas tremiam de modo estranho, o Coelho Saltitão deu um salto para longe.





– Meu velho, para que tudo dê certo, começa já a juntar os paus e as pedras. Constrói um recinto com um muro alto enquanto eu vou anunciar a todos a morte do meu cão.

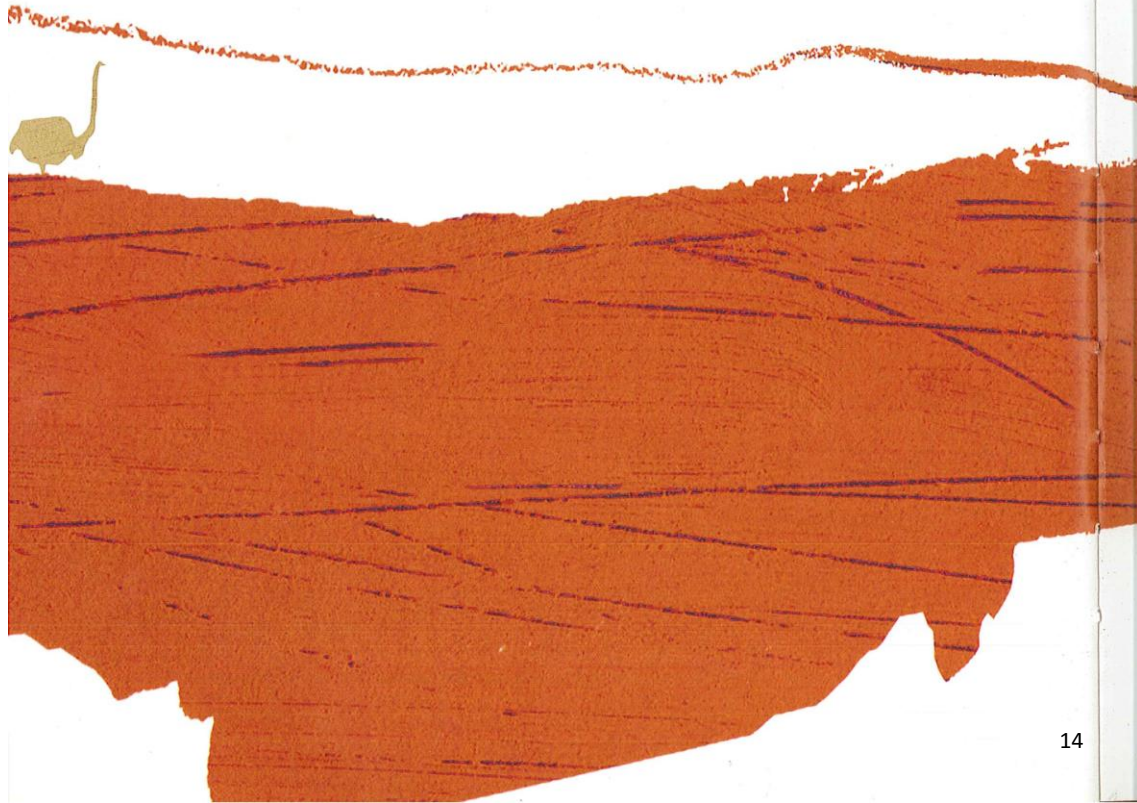
– Do teu cão? – perguntou o Leão.

– Que és tu!, o cão és tu, Leão. Faz de conta... Lembras-te?

– Sim, sim, claro, eu sou o Leão mas também sou o cão. Vai lá avisar os outros que o cão está morto e que passem a palavra. Vai rápido – ordenou o Leão, babando-se novamente, sujando os bigodes e as patas.

– Até logo, meu velho – despediu-se o Coelho Saltitão.

Durante o resto da tarde, o Coelho Saltitão espalhou a triste notícia pela Floresta Grande, lamentando-se da morte do seu querido cão, e embora todos desconfiassem daquela notícia, sabendo que haveria muita bebida em honra ao cão, os animais lá se animaram com a ideia. Combinaram ir ao funeral do cão desconhecido que, em vida, havia pertencido ao Coelho Saltitão.





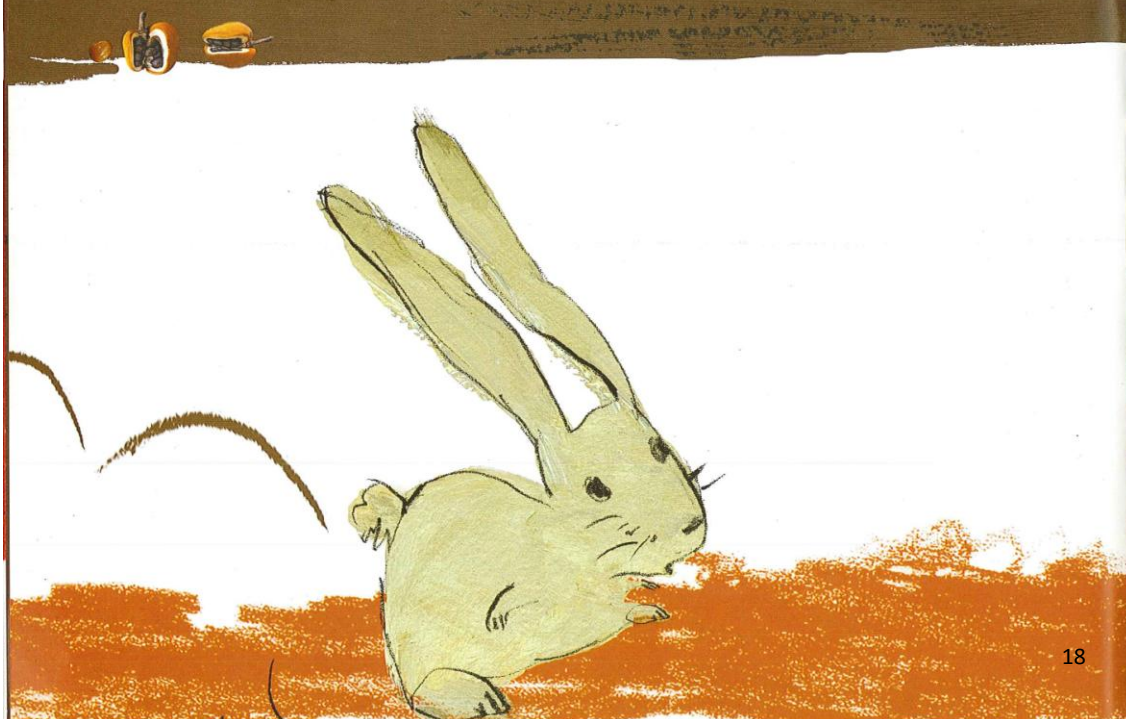
Entretanto, o Leão cortou galhos de árvores e escavou buracos no chão. Com cordas feitas de folhas, amarrou os paus uns aos outros, erguendo um pequeno círculo com apenas uma entrada. No chão espalhou algumas ervas e flores, e teve tempo para apanhar algumas pedras para aqueles animais que, como algumas pessoas, não gostam de sentar no chão.

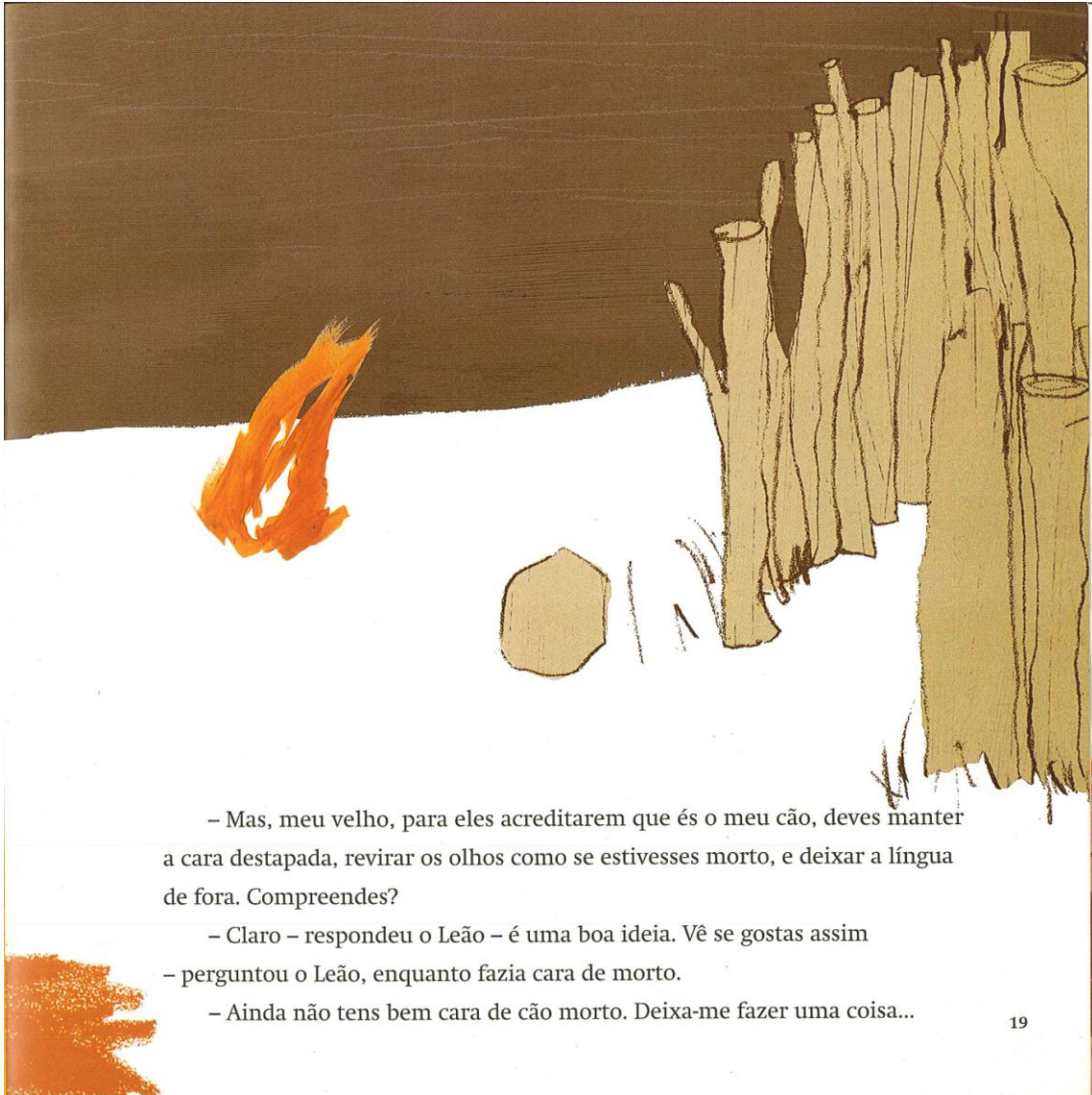
O sol pôs-se e a Floresta Grande ficou escura. O Leão também havia preparado pequenas fogueiras do lado de fora do recinto para que todos os animais soubessem onde era o enterro.

O Coelho Saltitão foi o primeiro a chegar e trazia consigo uma bebida muito forte. Encontrou as fogueiras acesas e, lá dentro, tudo vazio. Bem, tudo não. No centro, havia um amontoado de peles e um corpo lá dentro. O Coelho pousou a bebida e foi falar ao Leão.

– Meu velho, estás aí? – perguntou baixinho.

– Não, aqui não está nenhum teu velho. Aqui está o cão morto – brincou o Leão.





– Mas, meu velho, para eles acreditarem que és o meu cão, deves manter a cara destapada, revirar os olhos como se estivesses morto, e deixar a língua de fora. Comprendes?

– Claro – respondeu o Leão – é uma boa ideia. Vê se gostas assim

– perguntou o Leão, enquanto fazia cara de morto.

– Ainda não tens bem cara de cão morto. Deixa-me fazer uma coisa...



E o Coelho Saltitão, que tinha este nome porque gostava de dar saltos enormes, pôs-se a saltar na cabeça do Leão.

– Mas o que fazes, seu louco! – gritava o Leão.


– Está calado porque os mortos não falam, está calado porque os mortos não falam! – disse o Coelho, rindo, rindo, enquanto amachucava a cara do Leão.

– Os convidados estão a chegar, silêncio...!

A verdade é que o Leão parecia mesmo um cão morto, com o rosto sujo e a língua de fora toda amarrotada.

Os convidados foram entrando. O Coelho Saltitão parecia muito triste, tentando espremer dos olhos alguma coisa que se parecesse com uma lágrima. E, depois de bem esfregar a vista, lá conseguiu o que queria. Entraram muitos, muitos animais, de modo que rapidamente o recinto ficou cheio de cabeças, patas, caudas, enfim, muita carne.



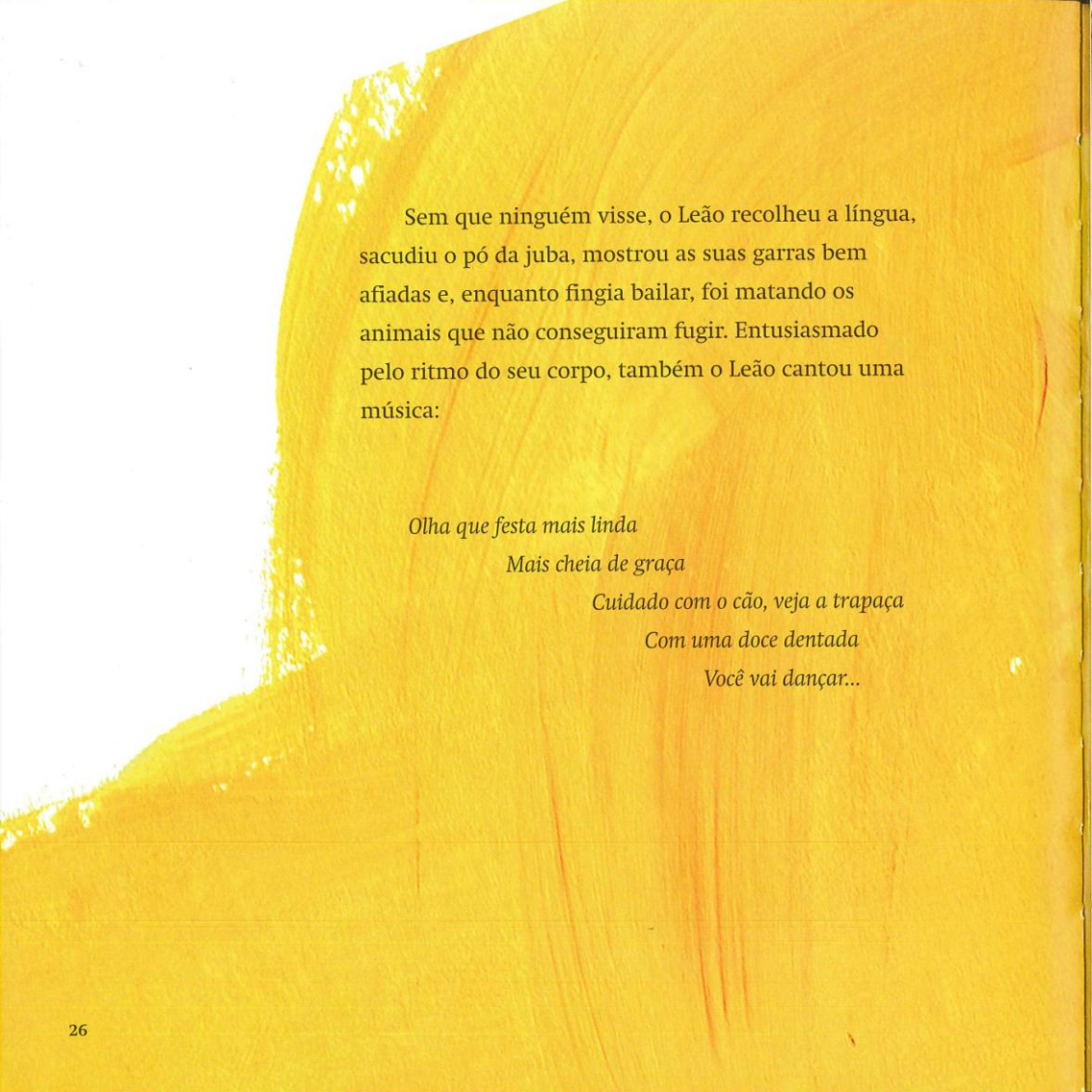


Como todos já tinham bebido muito, as vozes já se haviam levantado, alguns até já dançavam um pouco ou tentavam caminhar apesar das tonturas. Certo é que o Coelho Saltitão não deixava ninguém sair do recinto. Enquanto dançava, ele cantarolava assim:

*Era uma festa bem pequenina
Não tinha fruta, não tinha nada
Tinha um defunto meio acordado
Eu vou fugir pra não ser caçado...*

Os outros animais acharam estranho que o Coelho Saltitão tivesse vontade de dançar e de cantar, mas comentavam que, estando triste, talvez o Coelho já tivesse abusado da bebida e por isso se comportava daquela maneira no enterro do seu querido cão. E o Coelho, que nada tinha bebido, continuava a sua canção:

*Olha o morto ele é esperto
Cuidado com as garras
Sua dentadura dá medo de ver
É coisa que mata
E eu já vi morder...*



Sem que ninguém visse, o Leão recolheu a língua,
sacudiu o pó da juba, mostrou as suas garras bem
afiadas e, enquanto fingia bailar, foi matando os
animais que não conseguiram fugir. Entusiasmado
pelo ritmo do seu corpo, também o Leão cantou uma
música:

Olha que festa mais linda

Mais cheia de graça

Cuidado com o cão, veja a trapaça

Com uma doce dentada

Você vai dançar...



E foram muitos os que não conseguiram fugir. É que o Coelho esteve sempre junto à porta, batendo com um pau na cabeça daqueles que tentavam fugir.

– Que falta de respeito!, o enterro ainda não acabou. Fiquem mais um pouco, o enterro ainda não acabou...

Tal como haviam previsto, sobrou muita comida para os dois. Depois de se acalmarem e de descansarem um pouco, chegou o momento da conversa.

– Está na altura de dividirmos o lucro, meu velho – disse o Coelho.

– Tem calma – o Leão deu uma patada forte ao Coelho. – Agora vais ver como é que o teu velho faz a divisão.

O Coelho, intimidado, ficou quieto à espera. O Leão juntou a melhor carne para ele, os ossos maiores, as melhores peles, deixando para o Coelho Saltitão apenas restos de carne presa aos ossos mais pequeninos.

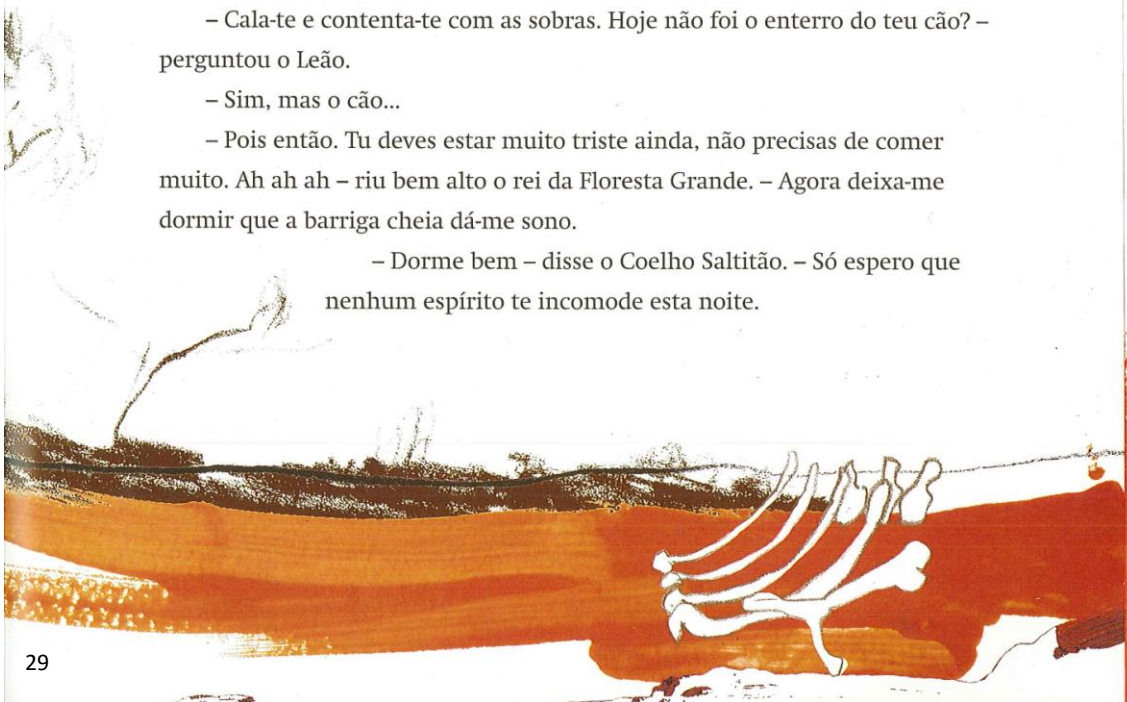
– Mas, meu velho... – tentou reclamar o Coelho.

– Cala-te e contenta-te com as sobras. Hoje não foi o enterro do teu cão? – perguntou o Leão.

– Sim, mas o cão...

– Pois então. Tu deves estar muito triste ainda, não precisas de comer muito. Ah ah ah – riu bem alto o rei da Floresta Grande. – Agora deixa-me dormir que a barriga cheia dá-me sono.

– Dorme bem – disse o Coelho Saltitão. – Só espero que nenhum espírito te incomode esta noite.



O céu estava muito escuro pois era noite de lua vazia.

Como o fogo das fogueiras tinha acabado, também a Floresta Grande estava muito escura. O Coelho fingiu que dormia.

Quando o Leão começou a roncar, o Coelho pôs um montinho de ossos no lugar onde se havia deitado. Cobriu os ossos com a pele de um boi e foi dar a volta ao recinto do enterro. Lá fora, cobriu-se com peles que haviam sobrado



e o seu corpo ganhou um estranho volume. Forçando a garganta,
fez uma voz assustadora que falava assim:



U-lu-lu la-la-lu...

Vamos comer o Coelho e o Leão...

U-lu-lu la-la-lu...

Desta noite não passam não...



O Leão acordou a tremer de medo e tentou, em vão, despertar o Coelho.

– Amigo Coelho... Ouves o mesmo que eu?

Mas o Coelho não despertava, pelo contrário, dormia profundamente. Ou assim pensava o Leão.

– Pior para ti – rugiu o Leão – vais ser comido pelo espírito mau. Quem te mandou fingir que o teu cão morreu...



O Leão abandonou o recinto do enterro, cheio de medo, correndo tão rápido quanto podia, deixando para trás a sua reserva de bons ossos e boa carne.

Já o Coelho Saltitão, vendo-se sozinho com aquele tesouro, fez a sua merecida refeição. Depois juntou tudo o que conseguiu e foi esconder-se junto ao rio.



No dia seguinte, o Leão acordou cheio de fome. Lembrou-se de voltar ao lugar da noite anterior e, quando lá chegou, apenas encontrou os restos magros que ele mesmo tinha dado ao Coelho. Farejou um pouco as peles soltas que ali se encontravam e sentiu, muito nítido, o cheiro do Coelho. Entendeu tudo e ficou muito furioso o rei da Floresta Grande.





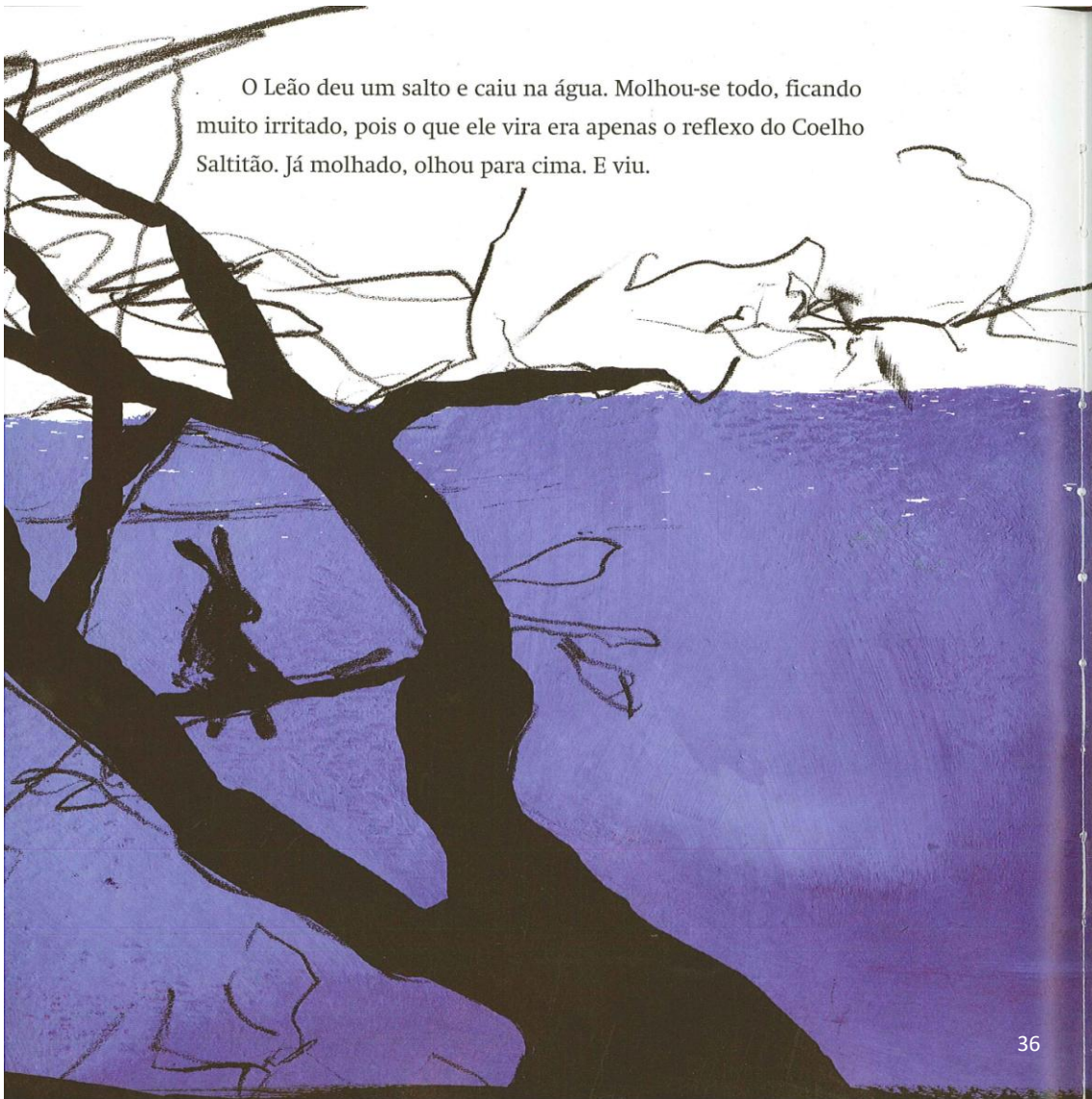
Seguindo o cheiro, o Leão percebeu que o Coelho Saltitão estaria escondido perto do rio. Aproximou-se devagar e pensou ter visto o Coelho a banhar-se nas águas calmas do rio. O Leão rugiu mas o Coelho não se assustou.


– Não tens medo de mim, seu Coelhoito idiota?

Mas ninguém respondia.

– Além de pequenino, és mudo? Vou ensinar-te a lição do Leão, para que nunca te esqueças dela.

O Leão deu um salto e caiu na água. Molhou-se todo, ficando muito irritado, pois o que ele vira era apenas o reflexo do Coelho Saltitão. Já molhado, olhou para cima. E viu.





O Coelho estava sentado no cimo de um mujivo, uma árvore de folhas grandes com uma madeira muito bonita.

– Ah, estás aí sentado com a minha carne? Prepara-te para morrer que eu vou subir – ameaçou o Leão.

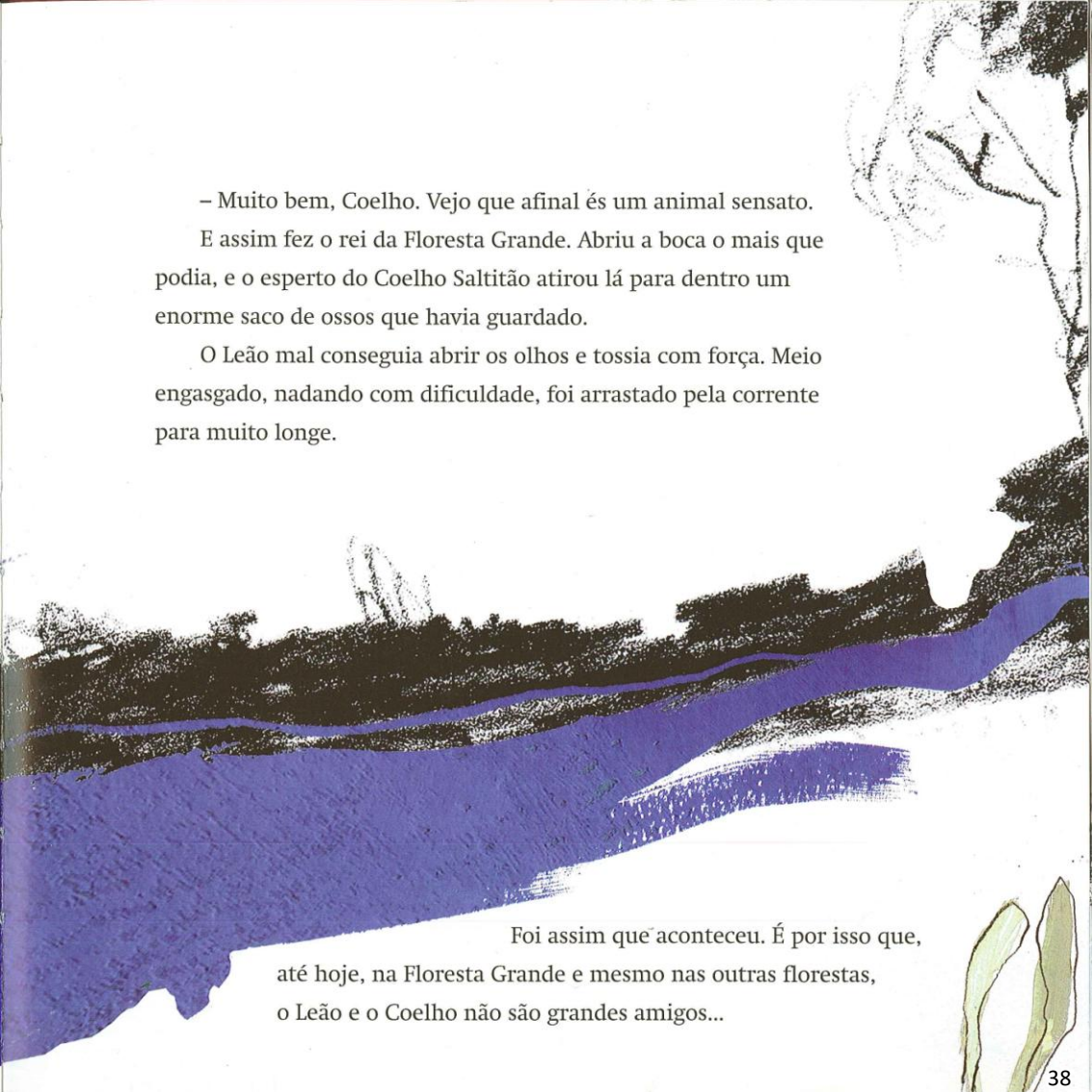
– Preparado já estou, meu velho – começou o Coelho Saltitão. – E nem precisas de trepar à árvore.

– Ai é? – espantou-se o Leão.

– Claro. Não acho bem dar tanto trabalho ao rei da Floresta Grande. Peço, que me desculpes e que me faças um último favor.

– Que favor?

– Um favor muito simples. Para não te cansar mais, deixa-te estar aí e faz como dizia a minha avó: fecha os olhos e abre bem a boca. Eu próprio me atiro para dentro dela.



– Muito bem, Coelho. Vejo que afinal és um animal sensato.
E assim fez o rei da Floresta Grande. Abriu a boca o mais que podia, e o esperto do Coelho Saltitão atirou lá para dentro um enorme saco de ossos que havia guardado.

O Leão mal conseguia abrir os olhos e tossia com força. Meio engasgado, nadando com dificuldade, foi arrastado pela corrente para muito longe.

Foi assim que aconteceu. É por isso que, até hoje, na Floresta Grande e mesmo nas outras florestas, o Leão e o Coelho não são grandes amigos...